

Não concordamos!

Voltamos aos prestatistas. Os prestatistas são o eterno motivo da dor humana e desse oceano de lágrimas que tem nos infelizes muários os melhores afluentes. Os seus crimes são tão numerosos que obrigam a um combate ininterrupto, a uma luta sem trégua.

Já falámos das suas ambições, como já nos referimos aos propósitos do ministro das Finanças. Não olvidámos aos nossos leitores a pretensão dos primeiros em fixar em seis e oito por cento ao mês, respectivamente, o juro do ouro e das roupas.

Não sabímos nem sabemos o que pensa o general sr. Sinel de Cordes a propósito daquela pretensão. Toda não é prematura dizermos que qualquer transição do governo, depois das declarações feitas à imprensa de que o juro de 18% ao ano era suficiente, seria bastante comprometedora para ele.

Ultimamente as coisas começaram a seguir outro rumo. Os proprietários das casas de penhores não conseguindo demover o ministro das Finanças lançaram mãos desse recurso vergonhoso; afirmando com os seus empregados contra o titular daquela pista, a pretexto de que o juro de 18% ao ano obrigaría ao encerramento da grande maioria das casas e por consequência à perda de trabalho dos seus empregados.

E estes, não pensando bem a responsabilidade do seu acto, foram há dias ao ministro das Finanças reclamar providências. Mas em que consistiu a sua reclamação? Na apresentação de uma proposta ao general Sinel de Cordes para que a taxa de juros sobre penhores fosse fixada em 5% e 7% ao mês, respectivamente, para ouro e roupas.

Fomos dos primeiros a defender a situação dos empregados referidos. Não participando eles dos lucros dos prestatistas não podiam, em boa lógica, participar dos seus desavos.

Os prestatistas eram os únicos responsáveis. Logo deveriam ser eles os únicos atingidos pelas medidas governamentais.

O governo devia prever a hipótese da resistência dos proprietários de casas de penhores. E essa resistência principiaria pelo encerramento das suas casas e pelo arrependimento para o inlabor dos respectivos empregados.

Por isso devia partir do princípio de acautelar os interesses daqueles empregados, aceitando a sua admissão nas Casas de Crédito Popular, visto estarem especializados naquele ramo de negócio.

Ora era dentro desse espírito que os empregados deveriam orientar a sua reclamação ao ministro das Finanças e não propondo qualquer taxa de juro.

Os seus interesses não são os interesses dos seus patrões! E hemos de convir que da reclamação apresentada pelos empregados dos penhoristas ao governo não beneficiam os reclamantes.

Lamentável é, pois, que não se vivesse visto esta grande verdade.

EM CASCAIS

"A BATALHA" FESTEJADA

CASCAIS, 5. - Como estava anunciada, realizou-se ontem no teatro Gil Vicente, desta vila, a festa de homenagem à *Batalha*.

Os nossos amigos que a promoveram, sempre esperaram uma maior concorrência, porque confiaram demasiadamente no operariado da localidade e arredores, que, assim, mostrou tão grande falta de consciência. Sindicatos houve que não ficaram com um único bilhete!

Uma grande parte dos lugares eram ocupados por comerciantes e industriais, que confessavam ter ficado muito bem impressionados com a conferência do nosso camarada Mário Domingues, que recebeu no final uma grande ovacão.

A Companhia Araújo Pereira honrou bem o seu mestre. Uns parte dos elementos, deram-nos, por vezes, a impressão de artistas de grande fama, tal a forma como interpretaram os papéis.

O tenor sr. Sales Rodrigues agradou muito, tendo cantado com muita arte alguns números de música.

A orquestra, que também prestou o seu valioso concurso, tocou algumas peças de seu repertório, sob a direção do seu regente, sr. António Pedro de Oliveira, tendo também agradado bastante, bem como os apreciados cantadores Armando Barata, António Lado e Manuel Machado, tendo este último cantado uma produção do camarada Fernando Rodrigues, dedicada aos bombeiros da localidade.

O pessoal da polícia, srs. José Romão, Raúl Passos e José Martins Cardoso, foram de uma boa vontade extraordinária, tendo auxiliado bastante a comissão, bem como os diretores do teatro, que ofereceram todas as facilidades. - C.

O MANICOMIO MISTERIOSO

Uma entrevista com o esposo de uma pobre louca que esteve internada durante sete meses na singular casa de saúde

A mula de reforço do "clisteropata" — Um parênteses para responder a um "moralista" — Os factos falam mais alto do que as asneiras dos idiotas — Confirmando o isolamento ilegítimo de loucos

— Um "hospital" que nem possue condições para os doentes se lavarem — Sete meses sofrendo

as consequências de um desleixo imperdoável

Um outro depoimento

Entretanto prosseguiremos no exame à obra do sr. Vilhena, o "clisteropata" do Arco do Cego, para vencer a difícil ladeira em que se meteu teria necessariamente de recorrer a uma mula de reforço. Essa mula é, nem mais nem menos, do que o *Correio da Manhã*, do moralista Pizarro. O órgão da causa monárquica lá vinha no domingo terçando armas pelo sr. Vilhena, que é também da causa e parente de um dos principais *meneurs* da chafarica da rua da Barroca, como ainda havemos de explicar.

Para o *Correio da Manhã* as nossas relações não possuam cunho verdadeiro. Foram urdidas na fantasia e tinham por fim desviar as atenções do público das larachas que aquele jornal publicou sobre curandeiros.

O pasquim monárquico obriga-nos a um parentese, para lhe dizer: Nós fomos dos primeiros a combater todos os intrusões fôsse qual fôsse a sua política, fôsse qual fôsse a sua estrutura mental. Combatermos e combateremos os curandeiros e todos os intrusos, quando da sua ação resultem inconvenientes para o público. Somos contra todos os vigaristas por isso nunca aplaudiremos os seus actos.

E' ainda por essa razão que resolvemos revelar o "negócio" do sr. Vilhena. Demais este cavalheiro não é propriamente um curandiero. Não tem categoria para isso. E' um intrujo, o que é mais grave.

O *Correio da Manhã* não vê estas coisas porque se trata de um corrigendário. E por isso Vilhena pode explorar com a loucura, que viver dêsse negócio vergonhoso do Manicômio.

O *Correio da Manhã* não aceita como imoral a exploração do sr. Vilhena, como imoral não é a exploração exercida pelo seu director, o sr. Pizarro, numa casa da freguesia de Santa Catarina...

As provas não nos faltam

Nós já demonstrámos, com declarações de algumas pessoas que não comungam nossos erros, que o sr. Vilhena, ilegitimamente, recebia loucos em sua casa.

Provámos, que a esposa desse sinistro homem alugava um quarto na rez do chão do predio 42 da rua Pereira Carrilho e nele metera uma louca. Falaremos depois sobre a legislação que regula o internamento e o tratamento de loucos, já que o *Correio da Manhã* a isso nos obriga. E depois ver-se-há o inocente "clisteropata" procedeu dentro da lei—desse lei cujo respeito o sr. Vilhena é useiro e vezeiro nestas intruções. Há anos possuía no Campo Pequeno uma "casa saudade", na qual se fizeram "prodigiosas curas", segundo o *Correio da Manhã*. Também falaremos nessa casa, já que tanto nos convidei... Referir-nos hemos a que disse a imprensa nessa altura às "prodigiosas curas" lá feitas.

— E' uma questão de tempo. Descanse os *Correio da Manhã* que nós provar-lhe-emos toda a verdade. Não se esqueça de

NÃO SOMOS PELA MORTE, MAS PELA VIDA!

Há então três sindicalismos?

Ao camarada que no recente Congresso da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa teve umas, quanto a mim, estranhas expressões, que serenamente criticou no meu artigo de 14 de Novembro, cumpre-me dizer que só responde pelas afirmações que faço e não pelas que quaisquer pessoas, ainda que na melhor das intenções, possam porventura atribuir-me. Eforço-me sempre, exactamente para evitar confusões, por ser o mais claro possível em meus dizeres, e desejar que todos os camaradas tivessem a mesma preocupação, para que os leitores, sobre todo os leitores operários, a quem estas questões especialmente interessam, pudessem, sem grandes lucubrações, tirar conclusões ajustadas.

Quando disse, por exemplo, que a discussão nem sempre foi elevada e isto é incontestável—não me pronunci, suponho eu, de modo que alguém pudesse legitimamente deduzir que se assim sucedeu deve o facto só aos delegados dos organismos confederados, o que não corresponderia à verdade, nem faria sentido. E não fazia sentido pelo simplicíssima razão de haver prestado justiça à ação de alguns desses delegados e também por se ter tornado bem patente que entre os representantes dos sindicatos não confederados estava uma meia dúzia deles que, no que respeita à tolerância, má conta dera de si, à semelhança do que sucedeu com outros que estavam em posição contrária. Afirmei, sim—je isto é tão diferente!—que alguns militantes do sindicalismo «caíram, merecendo talvez da posição ambígua em que se colocaram, em frequentes contradições doutrinárias e, pela forma como geralmente se conduziram, mostraram não ter empenho nenhum em que se chegasse a um entendimento, no que quanto a mim, andaram pouco assiduamente».

E se então não precisei, nada me impede agora de acrescentar que o meu opositor é o principal visado, por ter sido exactamente ele quem, sob aquele aspecto, me registado uma ação que colide com um dos fundamentos do sindicalismo revolucionário, o qual passou a ter como adição a exacerbação... e libertário, no sentido anarquista, o que não é menos condenável.

O camarada em referência, que tem aliás qualidades—e se eu sustentasse agora o contrário mostrar-me-ia fôso facioso como ele nos últimos tempos se vem mostrando, o que registo com desprazer—, continua mantendo as expressões que eu combatii, acrescentadas agora desastrada, não menos singular: que quando a Confederação viesse a desligar-se da A. I. T. já o sindicalismo revolucionário teria morrido em Portugal!

demonação é que se me afigura difícil. Porém, se se registam benefícios, é em que consistem? Eu não os enxergo, pelo que sou moiio.

Pergunta-se: é que sindicalismo viria a resultar da nossa desligação da A. I. T.?

Eu responderia que, se não fôsse o perigo da "nachadada mortal", seria o sindicalismo propriamente dito, isto é, aquele sindicalismo que agrupa, "fora de toda a escola política, todos os trabalhadores conscientes da luta a travar para o desaparecimento do salariado e do patronato", o mesmo sindicalismo que "afirma a inteira liberdade para o sindicado de participar, fora do agrupamento corporativo, daquelas formas de luta que correspondam à sua concepção filosófica ou política, limitando-se a pedir-lhe, em reciprocidade, que não introduza no sindicato as opiniões que professe fora."

Concretizando: um sindicalismo que não é o de Amsterdão, nem o de Moscova, mas que não é também o de Berlim, porque não sendo de tendência socialista ou comunista, igualmente não é anarquista.

Alude-se, por fim, ao congresso de Tomar e à União Operária Nacional, para se concluir que não foram "as táticas e princípios" dos socialistas que triunfaram, a despeito dos esforços que estes fizeram. Assim foi, efectivamente. Triunfou a orientação dos sindicalistas, que de facto se mostraram os mais activos, os mais lutadores. Mas há que ajuntar, já que o meu opositor prudentemente o omiu, que se triunfaram os últimos foi porque tendo impedido que a U. O. N. viesse a ser absorvida pelos socialistas, igualmente tiveram a preocupação de a não entregar nas mãos dos anarquistas.

Se me provassem que nos últimos anos se tem procedido da mesma forma em Portugal, confundir-me hiam. Simplesmente...

...Simplesmente está aí uma tarefa que se me afigura um tanto bicipida.

Alexandre VIEIRA

Ainda a U. I. E., Pereira da Rosa e "O Século"

Pereira da Rosa disse um dia que não voltaria a ler *A Batalha*. Compreendemos a esperteza daquele falso desdém. Como as verdades que então proclamávamos eram demasiado pezadas e ele não podia desmenti-las, assumiu aquela atitude *digna e cómoda* para evitar os desaires que lhe acarretaria uma discussão com o porta-voz da Organização Operária.

Ora, nós conhecemos os homens e sabemos de que fragilidades elos são feitos. Estamos, portanto, ao escrever estas linhas amargas, a ver a cara que o actual dono do *Século* faz ao percorrer-las, irritado, com a vista e o sobreenco carregado. Mas admittendo a hipótese absurda de que Pereira da Rosa não nos le, não impediria, nem impede esse facto, que nós prossigamos nas nossas considerações. Nós, de resto, não escrevemos para agradar ou desagradar ao sr. Roseira da Pera, ou Pereira da Rosa, como lhe queiram chamar. Escrevemos para elucidar os nossos leitores das misérias morais, dos destrambelhos sociais a que dâ lugar a sociedade capitalista onde vivemos. Escrevemos para contar a verdade — dão el quem doer.

Cairam na armadilha!

Alves Diniz era um exemplo de generosidade a seguir. Assim o apresentou o grupinho voraz. Nestas condições pediram às "fôrças-vivas" que o imitasse, auxiliando-o com dinheiro e crédito para efectuar a operação com a Portugal e Colónia.

Agora reparem os leitores como éles preparam a armadilha. As quantias emprestadas seriam pagas e as responsabilidades ilibadas, logo que se colocassem as ações por meio de venda nas classes económicas ali representadas pelas direcções das respectivas associações.

O truc de resultado. As "fôrças vivas" julgando-se a caminho de um triunfo que lhes permitiria esmagar e espremer melhor o proletariado e o povo consumidor, acorreram pressurosas fornecendo dinheiro, prestando o seu crédito e assinando lettras de favor para que se ultimasse a operação. Iam ter nas unhas o *Século*, a grande voz da opinião pública que criaria ambiente favorável às suas pretensões ilícitas.

E como o grupinho insaciável se apresentava como trabalhador incansável em prol da causa chôca da burguesia, premiaram-no nomeando Rosa, Oliveira e Amzalak para a futura administração do *Século*. Era o que éles queriam!

Dinheiro em troca de papelinhos

Depois era preciso um cabeça de turco. Acharam-no. Era o bananeiro Trindade Coelho, que éles queimaram mais tarde em campanhas tenebrosas e que depois massaram na rua como trapo inútil. Foi bem feito.

Ao mesmo tempo procedia-se com grande entusiasmo à colocação das ações, compradas à Portugal e Colónias, entre os sócios das Associações Comerciais, Industriais e de Agricultura. Ora essas ações estavam depositadas no Continente e lhes acautelavam as prestações ainda em dia. A Moagem, e que constituía a maioria do capital, solicitaram desse direcção a sua intervenção para que a referida Moagem cedesse à União dos Interesses Económicos a sua posição. Estes acederam, e depois de várias "démarches", foi realizada a operação de compra e venda sob as condições impostas pela administração da Moagem (Companhia Industrial de Portugal e Colónias), de que o jornal *Século* era o seu director. A Moagem estava muita grata às instituições — e tinha razão... O povo que o diga... E' ainda com condição: defenderia a boa política económica preconizada pela U. I. E., e mediante o pagamento das ações a 275 escudos e dos suprimentos que a Companhia Portugal e Colónias havia feito à empresa de *O Século*, pagamento este a fazer mediante a entrega de parte da quantia no acto de se firmar o contrato, e o resto em prestações com a garantia de um Banco ou casa bancária.

E o grupinho viu-se de repente na posse de muito dinheiro, muito dinheiro!

E instalaram-se no *Século*. Mas nunca resgataram as ações, apesar de terem recebido centenas de contos para isso. E nunca deram as ações a quem lhas tinha comprado. E agora, como se vê, deram um pontapé na União dos Interesses Económicos — proprietário do *Século*, ficaram-lhe com o jornal e ainda a espacar desmadamente.

Também achamos bem feito.

Um "benemérito" intrujo

Viram os leitores bem as condições do negócio. Tomem sentido para melhor compreender como o grupo burlão o realizou com o dinheiro dos outros.

Para efectivar, portanto, a operação era

Uma atitude

O tenente de infantaria, sr. Manuel de Jesus Campos, que andou fiscalizando as escritas das fábricas de Moagem, decidiu entregar a sua participação nas muitas imposições, no valor de 15 contos, à imprensa diária de Lisboa, a fim de que esta a desse aos seus protegidos.

Quando seu velho depositar na nossa administração a quantia de mil escudos, tendo-nos referido a escandalosa protecção dispensada por sucessivos governos à existência escandalosa da Moagem.

Teatro da Trindade
TELEF. T. 978
Companhia LUCILIA SIMÕES-ERICO
Braga

HOJE — às 9h45 da noite — HOJE
Primeira representação da comédia em 4 actos de George Sand, trad. de Ramalho Ortigão.

O Marquês de Villemer
A peça mais encantadora de todos os tempos.

Nos principais papéis LUCILIA SIMÕES, Amélia Pereira, Maria Sampayo, Irene Isidro, Erico Braga, Joaquim Almada e Samuel Diniz.

Scenários de Campos & Oliveira e Luz & Almeida.

BILHETES À VENDA
Vende de bilhetes sem fôrma — Fauteuils totais a plateia e balcones de 1.º 800; de 2.º 400 e 500; Camarotes, 1000, 500 e 2500.

A situação do operariado na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 3.—Figueira da Foz não pode dizer-se que seja uma terra reinante parásitaria. Quem tal coisa desse labor num grandíssimo erro, por quanto ela tem uma numerosa falange operária.

Porém, como é uma terra onde predomina o espírito de casta, e muito principalmente de folgança, dê um resultado que no meio operário vegeta um indiferentismo censurável.

E assim arrastando o pesado fardo do anacronismo, a classe operária deixa que, sobre si, parem dias de incertezas horíveis.

Quando se está verificando uma crise de trabalho pavoroso, o operariado não procura amenizar um pouco a sua cruenta situação. Na Figueira da Foz deve haver aproximadamente dois mil operários sem trabalho.

Não obstante, nenhum jornal se refere ao facto, e por esse país forá há de supor-se que nessa terra a beira-mar plantada não há crise de trabalho.

Estas condições surge o espectro fantasmagórico da fome, por sôbre os que têm de seu apenas os músculos para o trabalho. E estas condições o operariado figueirense enche apenas o estômago com o estrelar dos foguetes do patriotismo, e deixa ao abandono a Associação de Classe.

E curioso, porém, notar que as duas Assoiações de Classe existentes nesta terra, que são as dos Carpinteiros e dos Empregados no Comércio e Indústria, têm com as suas congêneres de Lisboa relações afíne.

Porém, ambas têm deturpado ou propositalmente ou inconscientemente os seus verdadeiros papéis, pois deixaram encambar-se, uma para o terreno dos bairros e a outra para o desporto, e mais esterilidades.

Enquanto a primeira mantém fixa a tarefa e a pagodeira, a segunda mantém com toda a utopia um vistoso grupo de futebol.

Entretanto, a respeito de movimento associativo nem tugen, nem mugem, como se, afinal, a Câmara Social fosse já um facto e não houvesse na nossa frente uma coorte de exploradores da nossa alegria e do nosso esforço.

Sim, como se apenas fosse dever dos homens viverem entre folgança, não tratando assim de melhorarem as condições de vida.

O operariado figueirense não deve por mais tempo deixar-se espesinhos, o operariado figueirense não deve desprezar a associação, trocando-a pelo campo de futebol.

Não queremos rastejar todos na indiferença, e façamos a classe digna e trabalhadora.

Não é assim com preguiça, discutindo sóbrios futilidades, entretendo o tempo que é preciso em coisas banais que se pode, amanhã, levantar o numeroso exército dos exploradores.

Quando hoje vimos gritar à classe operária figueirense que mude de trilho, não queremos dizer que desejamos que ela se prenda a prouamento de salários.

Nós desejamos que a classe operária local, num completa e só compreensão dos seus deveres e direitos, se erga e unifique, e a par duma luta pela sua situação material, fortaleça a barricada dos que alvejam com tiros certeiros esta sociedade miserável que se encontra sómodamente instalada na Torre de Babel do crime, da prepotência e da desigualdade.

Creemos agora que muito principalmente os caixeiros irão sorrir quando nos lerem e verificarem que falamos no desmoronar niste edifício social! E sorrirão certamente, porque o ruído da frescata, a indiferença e o empirismo em que vivem, ainda não deixou descorinhar a formidável luta travada entre os que trabalham e os que gozam a vida sem nada fazerem.

E' absolutamente preciso que o operariado figueirense, se una, se organize, mas dentro do espírito sindicalista.—(L.)

TEATRO SALÃO FOZ
Matiné às 15 horas — Sciré às 20,45
HOJE — ESPECTÁCULO SENSACIONAL — HOJE
REAPARIÇÃO
do distinto actor cómico
THOMAZ VIEIRA
no seu vasto repertório de canções,
anedotas, etc.

GRANDIOSO EXITO do dueto cómico
LES MAROCC
Últimos espectáculos do dueto francês
a grande voz
MARTY ET RIAN
Concerto pela FOZ MELODY BAND
No ecrã — **RICARDITO BOM RAPAZ** —
(5 partes)

TIVOLI
TELEFONE N. 5474
AS 21 HORAS
«A Agua Negra»
Super-projeção, tirada do romance de
POUSCHRIN, e que tem como protagonista
o malogrado «Stern».

Rodolfo Valentino
o inesquecível intérprete de «Os Ginetes
do Apocalipse». A crítica reconheceu no
papel do tenente Dubrovsky (Agua Negra) a
criação mais completa do saudoso artista.

Duas Cine-Farças
Dois Documentários
Audição especial pela orquestra, sob a direcção do maestro *Nicolino Milano*.

Catarros, fosse, bronquites, rouquidão, larangites, pigarro, mau hálito
Curam-se rapidamente com as cigarrobras medicinais **BELSAÚDE VITERI**

DEVE-SE ENGULIR O FUMO, O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

Fórmula iraca — pacote	3000
forte — carteira	4000
fortíssima — carteira	5000

Depósito: Vicente Ribeiro & C.º

RUA DOS FANQUEIROS, 84, 1.º Dt.º

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Concerto da Orquestra Portuguesa

Concerto de diversas modalidades musicais foi o quarto da Orquestra Portuguesa que Fernandes Fão com tanto carinho e proficiência dirige. Como novidade incluiu-se no programa três andamentos de Corelli, Sarabanda, Giga e Badinette. São três números italianoissimos como textura e como inspiração melódica. Traçado simples, intuitivo, sem devaneios de forma estreita, recomendam-se principalmente pelo fino estilo e pela delicada forma. A orquestra foi precisa e atingiu a leveza melódica que éles desejavam. Teve «sonate», *Pini di Roma*, poema descriptivo de Respighi, é um friso convincente de narrativa, airoso, movimentado, de esbelta organização orquestral. E' um poema musical que não fatiga, porque o seu pitoresco é de uma soberba intuição. Neste número do programa a orquestra foi ampliada com o concurso de D. Celeste de Sampaio Ribeiro e D. Sofia de Brito Saldanha.

A interpretação da orquestra teve o indispensável claro-escuro. *O Préludio do 3.º acto de Tannhäuser* foi tocado com muita firmeza. A oitava sinfonia de Beethoven, página admirável, imorredora de beleza e de colorido, teve uma interpretação digna, airoso, movimentado, de esbelta organização orquestral. E' um poema musical que não fatiga, porque o seu pitoresco é de uma soberba intuição. Neste número do programa a orquestra foi ampliada com o concurso de D. Celeste de Sampaio Ribeiro e D. Sofia de Brito Saldanha.

A interpretação da orquestra teve o indispensável claro-escuro. *O Préludio do 3.º acto de Tannhäuser* foi tocado com muita firmeza. A oitava sinfonia de Beethoven, página admirável, imorredora de beleza e de colorido, teve uma interpretação digna, airoso, movimentado, de esbelta organização orquestral. E' um poema musical que não fatiga, porque o seu pitoresco é de uma soberba intuição. Neste número do programa a orquestra foi ampliada com o concurso de D. Celeste de Sampaio Ribeiro e D. Sofia de Brito Saldanha.

Este concerto da Orquestra Portuguesa foi mais um bom concerto.

Nogueira de BRITO

Academia de Amadores de Música
Realiza-se hoje, no salão desta Academia, às 21,30 horas, mais um magnífico concerto, o n.º 188, segundo desta época, com o seguinte programa:

I. 1. Sonata; a) andante; b) alegro, Haydn.
Piano e violino: profs. Frederico de Freitas e Fernando Cabral.
II. a) Aria do Baile de Mascaras, Verdi.
b) Voil o sapete, ó mama, Mascagni.
Canto: D. Maria Amélia Melo.
III. a) Córdoba, Albeniz; b) 2.º Nocturne, Fauré.
Piano: D. Raquel Avelar de Almeida Ribeiro.
IV. a) Variações, Mozart; b) Cotovia, H. do Nascimento.
Canto: D. Raquel Bastos.
V. Quinteto; a) allegro com brio; b) andante; c) rondo, Rimsky-Korsakow.

Piano, flauta, clarinete, trompa e fagote profs. Jaime Silva, Manuel Duarte, Eusébio de Carvalho, José Marques e Mário Barroso.

— * —

A reaparição de Tomás Vieira

Tomás Vieira, um dos nossos melhores actores cómicos e o nosso melhor artista de variedades, reaparece hoje no teatro São João Foz, onde tantos triunfos tem já obtido, fazendo canções e anedotas do seu valente e interessante repertório.

Aleijão, destaque popular actor, toma parte, tanto na «matinée» como na «soirée», o notável dueto a grande voz, Marty et Riant, em trechos de óperas e operetas, e os celebres duetos espanhóis Les Maroc, que fazem um explodido programa, com os seus luxuosos cenários.

Dá um interessante concerto a «Foz Melody Band», e os espectáculos abrem com o «ilum» de aventuras em 5 partes «Ricardito bom rapaz».

Les Socurs Dumaine

Les Socurs Dumaine, as gentis e distinhas artistas francesas que o nosso público tanto aprecia e admira, obtiveram na sua recente tournée pelo Algarve um sucesso sem igual no seu novo e brilhante repertório. Les Socurs Dumaine apresentaram lindos bailes de salão e de fantasia, alguns acompanhados das mais modernas canções francesas, evidenciando-se em todo o seu príncipe trabalho as artistas consagradas de sempre.

Em breve partem estas artistas para as ilhas, para onde estão contratadas.

— O Pinto Calçado.

Despede-se hoje, em duas sessões, do público do Variedades, a engracadíssima comédia, «Era uma vez uma menina...». Amanhã, em récita extraordinária, a primeira representação, neste teatro, da célebre farça de Ernesto Rodrigues e André Brun, «O Pinto Calçado», peça cheia de graça, que tendo sido escrita para o actor Vale, nos antigos tempos do velho Ginásio, depois interpretada pelo discípulo destê actor, o brilhante actor cómico Silvestre Alegreim, ao lado da grande actriz Maria Matos. Os demais papéis serão interpretados pelo distinto actor Henrique Alves, Paz Rodrigues, Beatriz Belmar, Ruth Marçal, que se estrelam neste teatro e Berta de Albuquerque, Maria Lapa, Maria de Luna, Miqueline Rodrigues, João Lopes, António Palma, José Gombá, Joaquim Miranda, João Gaspar e José Carvalho.

Ultimas do «Cabaz de Morangos».

A revista «Cabaz de Morangos», que ao Eden Teatro tem atraído milhares de pessoas, realiza tal qual está, na actual semana, as suas últimas representações. Portanto, quem não quiser privar-se de admirar todos os atractivos com que desde a primavera, se tem exibido essa célebre peça

O SINDICALISMO EM MARCHA

Constituiu-se o Sindicato Metalúrgico de Viseu

Com uma animadora concorrência reuniram em assembleia os metalúrgicos de Viseu que aprovaram os Estatutos da sua Associação de Classe, o mais possível idênticos aos do Sindicato U. Metalúrgico de Lisboa, e elegeram a Comissão Administrativa que ficou constituída pelos seguintes metalúrgicos: Aires de Matos, Gilberto de Carvalho, José Maria S. Vieira, Vasco D. Saraiva, Eduardo Ribeiro, Artur de Almeida e Eduardo Gonçalves.

Como secretários da assembleia geral foram eleitos: José Ramos e José de Jesus e, suplemente, Adriano Rebelo e António Alexandre.

Constitui-se o Conselho Técnico e de Melhoramentos por 2 membros de cada especialidade da indústria metalúrgica em Viseu. Fundou-se a Caixa de Solidariedade segundo letreiros dos estatutos do Sindicato Metalúrgico de Lisboa, sendo resolvido que esta Caixa só dispense auxílio um ano depois de instituída.

Votou-se a adesão à Federação Metalúrgica em Portugal daí a 3 meses. Quer dizer, no dia 3 de Março de 1927, se uma assembleia geral da Classe não der antea a adesão, ou não revogar esta deliberação até essa data, a Comissão Administrativa do sindicato tem competência para unir-se a todos os metalúrgicos organizados de Portugal. E não deram imediatamente a adesão à Federação, a maioria dos metalúrgicos, já porque é bom que exista um fundo máximo no cofre sindical, já que — isto é o mais importante — a classe seja moralmente preparada para de pulso livre e seguro das responsabilidades do seu acto, proceder com toda a consciência sindical.

A sessão foi encerrada no meio dos mais entusiásticos vivas aos trabalhadores de Portugal, à Federação Metalúrgica, trabalhadores organizados de Viseu, C. G. T., etc., etc. Oxalá este entusiasmo se prolongue até ao coração dos mais scepticos e pessimistas, e anime sempre os metalúrgicos organizados de Viseu até à sua absoluta e integral emancipação.

Notas várias da Lisboa triste

O desastre de automóvel no Alto dos Capuchos

E' satisfatório o estado dos feridos ante o desastre de automóvel no Alto dos Capuchos na estrada de Loures, António Mota e Mário Lucio dos Santos, tendo o primeiro sido ontem transferido da Sala de Observações para a enfermaria de Santo António e o segundo que foi radiofrafado, continua no mesmo.

Na mesma sala continua em estado grave António Maria Fernandes, vítima também do mesmo desastre.

Desastre num eléctrico

No Banco do Hospital de São José foi pensado e recolhido a casa, Francisco de Figueiredo, de 23 anos, natural de Táboas, condutor 1.092, residente na rua Feliciano de Sousa, 66, que, quando seguia no estribo de uma carro pela rua da Boa Vista, um automóvel que passou em sentido contrário fez-o cair, ficando muito contuso e ferido.

Queda de uma carroça

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, recebeu curativo e seguiu para casa, Ramiro Gonçalves, de 39 anos, natural da Galiza, carroceiro, morador na rua da Rosa, 129, que, em Santa Apolónia, caiu da carroça de que era condutor, ficando ferido na cabeça e contuso pelas pernas.

Com o crâneo fracturado

No enfermaria infantil do Hospital Estrela deu ontem entrada, Alexandre Dias dos Santos, de 4 anos, residente na Estrada de Sacavém, 400, 1.º, dir. que, no dia 29 ultimo, ali deu uma queda fracturando o crânio.

Sem assistência médica

Na Morgue deu entrada Tomás dos Anjos da Cunha, de 70 anos, carpinteiro, da Caridade, 7, 2.º, que ali faleceu sem assistência.

Agremiações várias

Grupo «Solidariedade Proletária»

E' necessária a passagem pela nossa administração de um delegado deste grupo.

OS QUE MORREM

Claudio Monet

PARIS, 6.—Claudio Monet, ilustre pintor da escola impressionista, faleceu com 85 anos. (—L.)

INSTRUÇÃO

Um curso nocturno

Continua aberta a matrícula no Centro Almirante Reis, rua do Benfomoso, 50, 1.º andar, dirigido pelo professor Jaime Rodolfo Ferreira, que habilitou a exame de 4.º classe 2.º grau nos anos de 1923-24-25 e 26 duzentos alunos, obtendo todos as melhores classificações.

Universidade Nacional de Instrução e Educação

Continuam abertas as matrículas todos os dias das 13 às 15 horas e das 19 às 20 horas, na secretaria da 2.ª secção, instalada na rua do Paraiso n.º 28, 1.º, para os cursos diurnos e nocturnos de

A BATALHA

A força de um povo, de uma classe, de um indivíduo, reside na posse de um ideal.



D. ABAD DE SANTILLAN

N.º 3

A JORNADA DE SEIS HORAS

Apenas três soluções se apresentaram, até agora, à crise de desemprego:

Primeira: a jornada de seis horas, de que vamos tratar;

Segunda: a tese dos capitalistas europeus, segundo a qual, para concorrer com os Estados Unidos, há só uma saída — reduzir o custo da produção. Considera-se redução do custo de produção a baixa de salários e o prolongamento da jornada de trabalho. Esta tese é tão persuasiva que os sindicatos reformistas alemães cederam-na na fundação de semelhante tática nas grandes indústrias da Alemanha;

Terceira: a tese do aumento da capacidade de compra dos trabalhadores, devida à imaginação dos capitalistas norte-americanos. Dizem eles que o recurso mais estúpido para superar uma crise industrial é a redução dos salários; com a redução de salários diminui-se a capacidade de aquisição do proletariado, que sempre será o maior consumidor; produzindo-se o fenômeno da crise por estarem abarrotados os depósitos, as fábricas terão de paralisar imediatamente a sua laboração e as grandes massas de consumidores morrerão de fome e sofrerão todas as privações.

Das três soluções, a que os capitalistas europeus adoptam alguma-se a mais importante e maniaste-se a mais inútil, pois o seu primeiro efeito será aumentar a desocupação e reduzir mais o consumo. É a actual crise é, principalmente, uma crise de consumo: as fábricas encerram-se porque não encontram consumidores, nem mercados para os seus produtos, e os consumidores morrem de fome, tiram de frio e sucumbem às privações, desde que não possam adquirir os elementos necessários à satisfação das suas necessidades. O facto é já integrante de todo o sistema capitalista, produz-se desde que él existe.

Mais sensata é a solução dada pelos capitalistas dos Estados Unidos. Neste país, os salários são quatro ou cinco vezes mais elevados do que em todos os outros países, trabalhando-se menos horas — e, contudo, essa nação pode concorrer com qualquer outra. O fenômeno deve ser tido em conta.

O ministro do Trabalho dos Estados Unidos, James Davis, num artigo da *Montly Labor Review*, maio de 1925, resume assim a solução dos capitalistas norte-americanos: *Aumento da produtividade, mas não redução de salários*. A perspicácia deste ministro vai a ponto de aconselhar aos capitalistas, se os trabalhadores forem bem pagos, nasce nelas a virtude da economia, indo depositar as suas economias nos Bancos, comprar ações, etc., desta maneira interessando-se no próprio sistema capitalista e, por outro lado, colocando os fundos à disposição dos industriais, que poderão, assim, prosseguir cômodamente os seus negócios.

Essa gente especula com tudo! Que mais poderia dizer o socialismo científico? Foi necessário que os próprios capitalistas conseguissem a surpreender na redução dos salários e no aumento da jornada a ineficiência de uma solução a uma crise industrial e comercial profunda, para se levantar um pouco o nível das aspirações da social-democracia.

Tornou-se indubitable, pois, pelo menos, em teoria, a tendência dos socialistas para defender a tese dos Estados Unidos, começando já a recomendar calorosamente, aos capitalistas europeus, que imitem os americanos.

Como solução provisória, tem valor relativo o aumento da produtividade em vez de redução de salários, mas tem, também, o principal defeito de se tornar um passo mais na evolução capitalista, equivalendo a um novo passo na involução do sentimento e do pensamento humano.

Todavia, se os Estados Unidos podem já apresentar exemplos da eficácia do sistema de aumento dos salários para vencer momentos difíceis da economia nacional, é quase certo que essa tática, generalizada, chocaria de princípio com graves inconvenientes que a reduziriam a nada.

Vamos, primeiramente, apresentar alguns dados eloquentes, para explicar a gênese da desocupação crônica de apôs-a-guerra.

Tomemos, ao acaso, um jornal, por exemplo:

AS INICIATIVAS ÚTEIS

Liga de Ação Educativa

A iniciativa de um grupo de professores, homens ansiosos pela perfeição humana, deve merecer a simpatia do operariado. Trata-se da Liga de Ação Educativa, que procura difundir a instrução nas classes populares.

A Liga prepara a breve saída de um órgão na imprensa, uma revista que comunique as suas ideias e os seus objectivos ao povo e aos estudiosos.

Do trabalho já efectuado pela Liga consta a publicação de uma folha volante. Destaques o que se refere à sua organização:

“Logo após a sua primeira reunião, a Comissão Executiva, eleita nas reuniões públicas efectuadas em Janeiro, na Escola-Osifício n.º 1, teve de preocupar-se com a organização da L. A. E. de harmonia com o que preceituava o Estatuto aprovado. Este período de organização tem sido muito moroso e cheio de dificuldades materiais, como é compreensível. Pensou a Comissão primeiramente na formação e instalação da Secção de Lisboa. Em Fevereiro esta Secção estava devidamente constituída.

Por outro lado, e devido aos esforços do Grupo de Amigos da Instrução da Moita, formou-se, simultaneamente, nesta vila, uma outra Secção local.

Tem a Comissão Executiva, de acordo com a de Propaganda, procurado desenvolver uma ação metódica e persistente para a criação de outras secções locais. Este trabalho é extremamente difícil por si mesmo de factos que a L. A. E. se propõe combater: o atraço mental do nosso povo, a sua falta de espírito associativo, a época de egoísmo que se atravessa, etc., e, por outro lado, pelos exiguos recursos de que o colhe a L. A. E. pode dispor. Está, no entanto, espalhada pelo país, aqui e ali, alguma propaganda da L. A. E. feita por circulares enviadas em grande número, e é de crer que ainda antes de findar o man-

po, o Vorwaerts, de Berlim, 4 de Maio de 1926. Eis o que nele pudemos ler:

“Na rua de Bela-Aliança trabalha a primeira máquina de pavimentar (Finisher, sistema Lakewood) que enviaram as fábricas Ambi, dos Estados Unidos. Neste país funcionam já cerca de 2.000 dessas máquinas e com elas se constituíram, desde há dez anos, 60.000 quilômetros de arruamento. É realmente assombroso o rendimento dessas máquinas. Enquanto quatro ou cinco operários apenas asfaltariam trinta metros por dia, com o emprego da máquina seriam asfaltados 250 metros, diariamente, com o mesmo pessoal, e uma economia de 12 a 15.000 marcos por quilômetro. A máquina realiza três trabalhos: distribuição do asfalto, calcetamento e polimento. Os carros sóbre que avança a Finisher ocupam uma rua até nove metros. O asfalto fica tão sólido que alguns minutos depois do calcetamento se pode andar à superfície sem o menor inconveniente. Oxalá, esse começo jubilante da mecânica na pavimentação de ruas de impulso a outras inovações. Os trabalhadores, não fazendo já falta para o asfaltado, pois a máquina pode ser manejada por um só homem, poderiam ser empregados no transporte de materiais e na colocação dos carros.”

Que dedução faremos ao meditar nesta notícia simples entre tantas que poderemos encontrar na imprensa diária? Se queremos poupar-nos ao trabalho de uma explicação, vejamos, no número de 8 de Maio do mesmo ano, do *Mitteilungsblatt* dos operários em madeira de Berlim (anarquistas sindicais), como estão descrimados os dados anteriores:

“5 operários asfaltam diariamente 30 metros de rua. Se tivessem de asfaltar 10.000 metros necessariamente 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam trabalho manual, 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que requer um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento